

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 12 - Consumo e produção responsáveis

A CONTRACULTURA SONORA DO ROCK BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970¹

THE COUNTERCULTURE OF BRAZILIAN ROCK IN THE 1970S

Edemilson Brambilla², Alexandre Saggiorato³

¹ Trabalho oriundo do projeto: Sons da contracultura: o rock no Brasil na década de 1960 e 1970, sob orientação do prof. Dr. Alexandre Saggiorato

² Graduado em Música (L) e mestrando em Letras pelo PPGL/UPF.

³ Doutor em História pelo PPGH/UPF. Professor do Curso de Música da Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

No emergente cenário musical brasileiro dos anos pós-Segunda Guerra Mundial, os ideais americanos tiveram considerável influência sobre a sonoridade que as bandas de rock buscavam imprimir na cena musical brasileira. O pouco espaço delegado ao gênero, no entanto, contribuiu para a emergência de um cenário *underground*, onde os músicos, a despeito das dificuldades financeiras enfrentadas, fizeram com que suas criações musicais caracterizassem a nova cena musical roqueira do país. A respeito da emergência do gênero no cenário nacional, Rodrigo Merheb (2012, p. 9) afirma:

Reconhecido como a expressão musical da revolução de costumes, o rock nesse período conseguia agregar sentimentos potencialmente subversivos, não apenas no embate político, mas especialmente como expressão visceral de sexualidade e total rejeição aos valores da classe média.

Desse modo, o rock foi responsável por congregar os ideais que aos poucos chegavam ao país e encontravam no público jovem seu principal catalizador. Os ideais do movimento contracultural, oriundos especialmente dos Estados Unidos e de alguns países da Europa, influenciaram significativamente os jovens brasileiros. O movimento, conforme Pereira (1986, p. 08), em sua gênese, é caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante. Um conjunto de hábitos que, aos olhos das famílias de classe média, tão ciosas de seu projeto de ascensão social, parecia, no mínimo, um despropósito, ou um absurdo. No entanto, aos poucos, começava a ficar mais claro que aquele conjunto de manifestações culturais novas não se limitava a estas marcas superficiais, significando também novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas, ou seja, outro universo de significados e valores, com regras próprias.

Essa oposição aos ideais da cultura dominante, conforme supracitado, encontrou nos jovens

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 12 - Consumo e produção responsáveis

roqueiros seu principal meio difusor e, apesar dos seus sinais mais evidentes, como os cabelos compridos, a vida comunitária, o uso de drogas e o sexo livre, tal posicionamento ainda pode ser evidenciado através das criações musicais desses roqueiros, tanto no aspecto poético quanto sonoro de suas composições. É sob este aspecto que nos deteremos nesta breve análise, já que, de acordo com a concepção defendida neste estudo, a contracultura brasileira também pode ser compreendida por meio da sonoridade das bandas de rock brasileiras da década de 1970.

DESENVOLVIMENTO

Apesar do sucesso encontrado na cena musical internacional, em especial a americana, o rock brasileiro, no entanto, passou por intensas dificuldades para se firmar enquanto gênero. Na maioria dos casos, sempre distante dos principais canais midiáticos e gravadoras, o rock encontrou no público jovem e no cenário marginal a sua fonte de propagação. Dentre os elementos que passaram a caracterizar esse gênero e distancia-lo ainda mais da cultura de massa, foi a escolha sonora das bandas brasileiras.

Durante aqueles anos, uma prática corriqueira foi o fato desses músicos incorporarem ao rock outros elementos musicais derivados de diversas regiões do Brasil. Tal atitude foi encarada, sob a ótica conservadora, como marcadamente transgressora para o período, já que agregava à música estadunidense e inglesa outros ritmos tradicionalmente brasileiros, como o baião e o frevo, além de outros gêneros e instrumentos musicais. Essa é uma perspectiva fundamental para o entendimento da contracultura sonora no Brasil, tendo em vista que, durante aqueles anos, o rock questionou diretamente tanto os valores estabelecidos pelas classes mais conservadoras, que, através da censura e da repressão buscaram inibir as manifestações contraculturais no país, quanto os ideias das classes minoritárias, geralmente identificadas com a esquerda, que delegavam à reflexão e ao engajamento artístico o papel de questionar os ideais militares.

A guitarra elétrica, então, foi escolhida como símbolo máximo do gênero e da rebeldia inerente a seus praticantes. O instrumento, especialmente no cenário brasileiro, foi encarado tanto como um símbolo dessa rebeldia, quanto a materialização de uma afronta aos ideais nacionalistas de certas camadas populares mais conservadoras. O descontentamento foi tanto que, no ano de 1967 organizou-se uma Marcha contra a Guitarra Elétrica, com o intuito de protestar contra a influência americana que aos poucos chegava ao Brasil, e criticar o crescente espaço conquistado pelo rock em alguns canais midiáticos nacionais. A esse respeito, Nelson Motta (2010) afirma que:

[...] havia uma rivalidade muito estimulada pela *TV Record* também, que tinha um monopólio dos musicais da época. Televisão não tinha novela, o forte da televisão era o musical e a *Record* tinha sob contrato 90% da música brasileira. Todo dia tinha um programa musical e a *Record* tinha interesse que os programas de televisão fossem para os jornais,



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 12 - Consumo e produção responsáveis

para as rádios, para a vida das pessoas, então era engraçado porque na época se dizia que a MPB era a música brasileira e a Jovem Guarda era a música jovem. E a gente pensava: Meu Deus do céu, por que não pode haver uma música jovem e brasileira ao mesmo tempo? Uma pergunta óbvia, mas que era pertinente nesse tempo a ponto das pessoas organizarem uma passeata em plena ditadura militar, com tanta coisa para protestar! Organizar uma passeata com 300, 400 pessoas, com faixa, cartaz e as pessoas gritando: “Abaixo à guitarra! Abaixo à guitarra!” A guitarra elétrica como símbolo do imperialismo *Yankee*, aqueles clichês do velho comunismo que estavam muito ativos na época (UMA NOITE EM 67, 2010).

Além do simbolismo inerente à guitarra enquanto representante dessa postura contracultural por parte dos roqueiros brasileiros, ainda pode-se destacar distinções basilares entre a sonoridade da música destinada às massas e veiculada nos principais canais midiáticos do país, daquela considerada por este estudo como sendo contracultural e subversiva, vejamos: a música de massa – representada, no período, por nomes como Roberto Carlos, Alcione, Cauby Peixoto, entre outros –, buscava seguir uma estrutura binária (verso e refrão); ritmo linear (sem alternância brusca ao longo da música); era construída com base em uma harmonia tonal, com acordes do mesmo campo harmônico; seus instrumentos eram, geralmente, a guitarra, o baixo, a bateria, e os teclados; sua duração variava entre 2, 3 e, no máximo, 4 minutos, para se adequarem às regras impostas pelo rádio e pela televisão. A música contracultural, por sua vez, era caracterizada por: formas diversificadas (oriundas do blues, do jazz e da música erudita); ritmo não linear (alternância de métrica e compasso na mesma música); harmonia nem sempre tonal (às vezes modal, blues e oriental); instrumentação baseada na guitarra, no baixo, na bateria e nos teclados, mas podendo ter a ausência de um ou acréscimo de outros, como a viola caipira, o berimbau, ou instrumentos ligados à música de concerto, como o violino, o violoncelo, a flauta, etc.; e sua duração poderia variar, desde segundos à 20 minutos, destoando, assim, dos padrões radiofônicos e televisivos. Soma-se a isso outras características musicais utilizadas pelos roqueiros em suas composições, como a criação de instrumentos, uma maneira encontrada pelos músicos para suprir a carência de instrumentos semelhantes aos usados pelos roqueiros do cenário internacional; e o aspecto poético contestador de suas canções, que contribuíram para acentuar ainda mais o caráter marcadamente contracultural dessas composições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como ocorreu com o aspecto poético das bandas de rock brasileiras, as características sonoras de suas composições também se mostram identificadas com o que concebemos aqui como sonoridades contraculturais, a saber: a mescla de gêneros musicais; utilização de instrumentos musicais de natureza distinta; relação entre sonoridades populares e eruditas; e, sonoridades destoantes dos padrões radiofônicos. Não é nossa intenção no presente trabalho analisar de modo pormenorizado



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 12 - Consumo e produção responsáveis

como essas características se inserem no processo composicional das bandas de rock do período, até porque, cada um desses aspectos assume peculiaridades bastante distintas em cada um dos grupos. Nosso intuito é, todavia, lançar luz a características composicionais que passaram a delinear um percurso estético percorrido pelas bandas de rock brasileiras da década de 1970, e que estão intimamente ligadas aos processos sociais e culturais de sua época, em especial no que tange às relações entre esses grupos e os principais canais de rádio e televisão do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MERHEB, Rodrigo. **O som da revolução:** uma história cultural do rock (1965-1969). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, 532p.

PEREIRA, Carlos A. M. **O que é contracultura.** 4 ed. Ed. Brasiliense, 1986. 100p.

UMA NOITE EM 67. Produção de Renato Terra e Ricardo Calil. Brasil, 2010. Documentário.

Parecer CEUA: 017/19

Parecer CEUA: CAAE: 84431118.2.0000.5350